
AS DIÁSPORAS LUSAS: DO PASSADO AO PRESENTE

ALCINDA CABRAL
PROFESSORA
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

People have, from remote times, left their countries in search of more favourable places. Their motivations have been different through times. One might say that they have crossed five different stages according to historical periods. They have started with the going of fighters and navigators; then colonizations went on, followed by the departure of intellectuals, and afterwards there were other causes such as economic ones, which have produced the moving of great number of workers from rural areas to the urban centres. Recently people have moved for cooperation causes. The five periods mentioned above have always been crossed by movements of political refugees. We shall see the geo-physical ways and the social positions they've been through at the beginning of the residential space change and those they face now.

As diásporas sempre foram uma constante à face da terra. Mas se alguns países apenas as experienciaram em determinados períodos da sua História, outros houve que conheceram esse fenómeno em permanência, como é o caso de Portugal. O móbil da deslocação variava, e varia, de acordo com objectivos individuais, não obstante esse movimento ser de carácter colectivo. Nestas condições, a pressão do grupo não tem a força suficiente para conseguir direccionar o indivíduo na sua decisão de partir ou de ficar, mas é sem dúvida elemento determinante ao nível das diferentes motivações fornecidas pelos exemplos dos dois sub-grupos: o fixo e o móvel. As razões que sempre impulsionaram as deslocações maciças de seres humanos prendem-se com atractivos que resultam da comparação entre o que se tem, ou não tem, e o que se busca. Na actualidade, isto está, regra geral, ligado a factores económicos ou políticos. Todavia, nem sempre assim foi. Em eras em que não se dispunha da rapidez de comunicação que a passos de gigante tem vindo a colocar-se ao nosso alcance nos últimos anos, houve movimentos que visavam o conhecimento de outras letras ou de outras artes diferentes daquelas com que as pessoas tinham a possibilidade de conviver nos seus espaços de residência. E assim, passaremos a categorizar cronologicamente a sucessão das deslocações a nível do nosso planeta: conquista, navegação e defesa do território; colonização; deslocação de intelectuais; motivações de ordem económica; cooperação (Cabral, 1998: 2-3). No caso que nos ocupa, o das trajectórias das diásporas dos Portugueses, verifica-se uma correspondência exacta entre a sua ordem de ocorrência e a diacronia supra-citada. De facto, desde os seus primórdios, a nação lusa sempre foi um país de saída. Segundo Rocha-Trindade (1983:

3), o fenómeno migratório português assume grandes proporções ao longo do tempo que medeia, sem descontinuidade, desde as conquistas por terra e por mar, até às colonizações e, enfim, até às migrações propriamente ditas.

266

A deslocação de massas de combatentes desde a reconquista cristã, comum aos Peninsulares dessa época, foi elemento determinante na génese e na conservação dos reinos que a seu tempo dariam origem aos dois países que perduraram até aos nossos dias: Portugal e Espanha. Estes movimentos visando o aumento do território através das conquistas situaram-se primeiramente ao nível da Península Ibérica e mais tarde passaram a seguir percursos mais amplos inter-continentais, ligando a Europa ao norte de África. Esse alargamento territorial e de horizontes vai prosseguir com a partida da Europa à descoberta dos restantes continentes. Trata-se de percursos geográficos diferentes, utilizando novos meios de transporte e de apropriação de espaços, mantendo, contudo, o mesmo carácter de objectivos de dominação política e económica, conseguidos através da colonização, o que significa que as trajectórias geo-físicas se diversificaram, mas as trajectórias sociais perduraram.

As colonizações constituem efectivamente as mais recuadas situações de movimentos regulares com o mesmo destino, seguidas da instalação de pessoas, com carácter mais ou menos definitivo, em territórios fora do seu espaço nacional de origem. Podendo assim ser consideradas os primeiros movimentos migratórios de facto dos Portugueses, começam com o início da expansão marítima lusa, a partir do povoamento das ilhas atlânticas que formam os arquipélagos dos Açores e da Madeira, no século XV. Ainda dentro do mesmo século segue-se a exploração e ocupação da costa ocidental africana. Na sequência da descoberta do caminho marítimo para a Índia, em 1498, grande número de Portugueses é deslocado para a costa africana do Índico e para o Oriente. No século XVI, algum tempo após a descoberta do Brasil, este movimento de partida vai-se intensificar e perdurar até ao século XX, especialmente em épocas de grande desenvolvimento económico, como as dos ciclos de exportação maciça de pau brasil, de café e cacau, de açúcar, de ouro e pedras preciosas da floresta amazónica. A descoberta destas minas converte o Brasil no primeiro exportador mundial de ouro, o que atrai ao seu território elevado número de Portugueses e de outros Europeus, assim como de vizinhos americanos e de escravos africanos.

Os movimentos de viagens e de permanências, mais ou menos prolongadas, de intelectuais no estrangeiro, não são apanágio dos Portugueses; sempre existiram e foram uma constante na História da Europa, desde o Renascimento, passando pelo Iluminismo, com os Estrangeirados, até à época contemporânea. A população letrada lusa

beneficiou de todas essas aportações, pelo menos a partir da Idade Média, em que trovadores e poetas circulavam no espaço intra-peninsular, atravessando fronteiras mal definidas e gerando um intercâmbio que muito contribuiu para o desenvolvimento e para o enriquecimento da cultura desse período. As primeiras universidades deram um contributo apreciável à instrução e à mudança do conceito de "ser instruído". Elas recebiam os jovens com fortuna e desejo de aprender mais que as artes marciais, sem distinção de "nacionalidade", conceito este também de contornos mais fluídos que actualmente. As autoridades académicas medievais, a tal ponto se interessaram por essa clientela, que mandavam construir colégios nas suas universidades para albergarem os estudantes estrangeiros. Delas se distinguiram, nos percursos dos jovens lusos, a de Santiago de Compostela, a de Lovaina e a Sorbonne, entre outras. Nas épocas que se seguiram, as trajectórias foram-se direccionando consoante as fontes donde irradiavam as luzes do saber, desde a Itália no século XVI, até à França no século XVIII, influência esta que perdurou quase até aos nossos dias. Por exemplo, em finais do século XIX existia em França uma pequena comunidade de intelectuais: de 1876 a 1911 encontrava-se domiciliado em Paris um milhar deles (Serrão, 1979).

As migrações propriamente ditas nasceram no momento em que as deslocções de pessoas se encontraram subordinadas a imperativos individuais de ordem económica, movimentos esses, na sua génese, não directamente controlados nem geridos pelos Estados envolvidos. No caso de Portugal, essas movimentações vão-se alargar, passando das ex-colónias a outros países. Apesar da independência do Brasil em 1822, a emigração portuguesa para o "país-irmão" continua a aumentar, constituindo 68% do total das saídas de Portugueses durante todo o século XIX (Saraga, 1978). Não obstante verificar-se um decréscimo progressivo de partidas no século XX; durante toda a primeira metade deste período os Portugueses ainda se instalam de preferência no Brasil, em detrimento das colónias ainda dependentes de Portugal e igualmente carecidas de investidores e de mão-de-obra com alguma qualificação. Concorrentemente com este destino, aparecem outras correntes migratórias na primeira metade do século XX. Uma delas situa-se na América do Norte: os Estados Unidos recebem 149.000 Portugueses, no período que medeia entre 1901 e 1920 (Saraga, 1978). Dois novos destinos situam-se na América do Sul e são a Argentina e a Venezuela. Este último país acolhe 41.800 Portugueses entre 1948 e 1960, tornando-se o segundo maior receptor de população lusa (Saraga, 1978). Entretanto, este movimento tradicional de imigração transoceânica no sentido Este/Oeste, vai dar lugar a outro, intra-europeu, no sentido Sul/Norte (Rocha-Trindade, 1993: 423). As duas guerras mundiais de início do século, assim como os pós-guerras, fornecem ocasiões e oportunidades de fixação em países outros que

aqueles aos quais se pertencia. Os Portugueses, obedecendo, uma vez mais, à sua tradição ou vocação, não vão escapar a esta tendência, e o país que vai merecer a sua preferência vai ser a França. Com efeito, a partir de finais dos anos cinquenta, dá-se uma transplantação em massa de Portugueses para esse país. Ao contrário do que acontecera nos séculos anteriores, estes Portugueses não vêm para beber nas fontes da cultura, vêm para satisfazer necessidades primárias. Este forte surto imigratório que se estendeu por cerca de duas décadas, deve-se à penúria de mão-de-obra e à prosperidade económica que se seguiu à Segunda Guerra Mundial nos países da Europa nela envolvidos, podendo considerar-se como paradigmático, neste domínio, o caso da França. A partir desta data, a chegada de Portugueses ao Hexágono desenrola-se sempre "em crescendo" (Cf. ANEXO Nº1). Neste período a França acolhe 11% do total da emigração portuguesa (Serrão, 1979). O fenómeno acentua-se a partir de 1.960 e atingirá proporções excepcionais nos anos 1969/70. Assim, de 1961 a 1973, 910.000 Portugueses vão para França - o que representa 66% da emigração total portuguesa. O ano "record" será 1970 com 129.000 entradas em França (Serrão, 1979). O número de Portugueses multiplica-se por seis entre 1962 e 1982 (I.N.S.E.E.). A imigração lusa tem o crescimento mais rápido de toda a história migratória do Hexágono. Actualmente manifesta-se uma nova orientação da emigração portuguesa: a Alemanha e sobretudo a Suíça, países cuja situação económica é próspera em relação aos outros que tradicionalmente eram países de entrada, e que aceitam trabalhadores sazonais, com contratos a termo certo.

Os recentes movimentos de carácter cooperativo passam-se de preferência no interior do espaço europeu e dizem respeito aos domínios da mobilidade profissional, económica e académica. Começam neste momento a esboçar-se iniciativas que, embora partindo da Comunidade, visam o alargamento da participação a outros parceiros. É o caso de intercâmbios de alunos, de professores e de investigadores, que pretendem englobar países sul-americanos, por exemplo. A concretizarem-se com êxito, constituirão certamente meios privilegiados de aproximação de povos e de culturas, para além de potenciarem a solução de problemas individuais de escolarização, de emprego, de pesquisa, de actividade política e de desenvolvimento económico.

BALANÇO

Desde há muitos séculos que se podem considerar os homens o principal produto de exportação de Portugal.

Laurent (1966).

L
C90

Segundo o "Cabinet des Migrations Internationales", Portugal continua a conservar o título de "campeão europeu da emigração", com cerca de quatro milhões de pessoas vivendo no estrangeiro. No panorama da diáspora portuguesa no mundo em 1990, continuam a distinguir-se dois países: o Brasil e a França (Cf. ANEXO Nº2). Uma estimativa mais recente (1995/96), do Ministério dos Negócios Estrangeiros, pormenoriza dados idênticos aos do quadro precedente, chegando a um total que ultrapassa consideravelmente os números anteriores (Cf. ANEXO Nº3). Estas diásporas, sempre inicialmente pensadas em termos de ir e voltar, nem sempre têm sido secundadas por um retorno ou por um regresso, por vezes devido a vicissitudes de vária ordem, outras vezes porque a atracção da chegada ao novo país de acolhimento suplantou todas as expectativas iniciais, a ponto de remeter a terra das origens para um plano irremediavelmente secundário. A ilustrar o primeiro caso, citaremos Ferreira de Castro (1976), que certamente se socorreu da sua experiência pessoal por terras do Brasil:

Sonharam uma fortuna conquistada apenas com o braço e o suor do rosto - e trabalharam dia e noite, desbravaram terras, perderam-se nas estâncias, em plena pampa; remontaram o Paraná, deram o corpo aos insectos e às febres do Grande Chaco, numa luta anónima e constante pelo oiro, sempre com a visão de umas terras na terra nativa e de uma casa nova junto à velha casa em que nasceram. Trabalharam tanto que se esqueceram de si próprios; e no dia em que se lembraram de que existiam, viram-se miseráveis como quando haviam chegado; mais miseráveis ainda porque já não tinham a ilusão. Estavam enfermos, sugados, envelhecidos, e só lhes restava implorar da morte um adiamento.

Esta visão do insucesso, que inviabilizava o regresso temporário ou definitivo, devido a condicionantes económicas e sociais, aplica-se não só aos trabalhadores das últimas décadas que se expatriaram, mas também aos longínquos combatentes e navegadores, de quem se esperava a volta à casa carregados de troféus e de preciosidades. Ao que ousa partir, não se perdoa o erro da previsão de resultados positivos não concretizados. A culpa da sua falta de êxito, é-lhe imputada por inteiro, já que nunca se porá em causa que a outra terra não seja pródiga; contribuindo para esta convicção o triunfo de alguns. Para os pares a quem faltou ousadia e espírito de decisão para quebrar a rotina do ficar, não há lugar para a intervenção de factores tais como sorte ou possibilidades diferentes, que possam intervir individualmente. Quando estabelecem os seus julgamentos, o despeito não lhes faculta qualquer outra hipótese de menor severidade. Quanto ao não regresso decidido por opção consciente em função de uma aculturação assumida ao novo meio, trata-se de uma questão de sempre, que nunca foi bem encarada pelos da terra de origem, os quais conotam tal facto com traição à pátria e renegação de valores, entre os quais o do abandono dos familiares e amigos de outrora. Esta

temática foi abordada por Eduardo Lourenço(1992: 126-127), nos seguintes termos:

270

A emigração moderna [...] é um fenómeno complexo que põe em causa, a diversos níveis, de maneira indirecta, a imagem de nós mesmos mas por isso deve ser apreendida na sua verdade, de maneira adulta e não servir de pretexto como serve a muita gente, a fantasmas colectivos, uns positivos outros negativos, que têm pouco a ver com ela e tudo com a boa ou má consciência com que aqueles que não emigraram a utilizam. E dessa verdade faz parte integrante esta evidência imensamente triste e imensamente justa: milhares e milhares dos nossos compatriotas - e em particular os seus filhos - são felizes lá fora, ou pelo menos, já tão inseridos na trama dos povos que os acolheram que a ideia mítica do regresso a Portugal só a isso se resume. Insinuar o contrário é mentir ou querer iludir-se, e era bom que uma boa parte da "ideologia" da assistência cultural ao emigrante tivesse em conta, mais do que é costume, uma realidade pouco grata ao nosso amor próprio de povo criador de povos, hoje solicitado a fundir-se em outros sem regresso possível.

Ora, estes dois paradigmas, vigentes durante séculos, vieram no presente a sofrer alterações. Na verdade, o modelo de instalação escolhido pela população de origem lusa que actualmente trabalha no estrangeiro, mormente na Europa, não configura exactamente nenhuma das soluções aqui sumariamente descritas, já que, na sua grande maioria, segue uma opção de compromisso entre o espaço de trabalho e o espaço de férias, coincidindo este indubitavelmente com a terra das raízes. Por estranho que possa parecer, a vulgarmente denominada segunda geração, ou seja, a constituída pelos filhos dos que emigraram, tem dado mostras de uma oscilação não progressiva no que respeita ao seu apego explícito à cultura de origem parental, entendendo-se aqui a cultura no seu sentido lato. A emergência desta geração, no início dos anos oitenta, primou por uma ligação forte e activa a essa etno-cultura, ostentada tanto no país de chegada como no de partida. O seu processo de desvinculamento da mesma iniciou-se, paradoxalmente, junto da comunidade residente de origem, através dum afastamento propositado da língua materna dos pais e de uma apropriação de traços específicos ou pelo menos mais caracterizadores da sociedade do país receptor. Segundo depoimentos de jovens pertencentes a este grupo residentes em França, tratar-se-ia mais de uma identidade aparente que enraizada, a qual teria como objectivo principal a afirmação de pertença a uma cultura superior. E aqui a noção de cultura era em grande parte confundida com nível socio-cultural. Este vínculo identitário dominante foi progredindo em sentido ascendente à medida que as camadas mais jovens foram nascendo na terra de inserção, estando, por via de regra, sujeitas a uma escolarização mais longa nesse espaço. Neste caso havia ainda outra causa, porventura a mais determinante de todas, para a assunção deste comportamento, a qual consiste na dificuldade crescente de expressão através dessa língua que ouviam em casa, mas da qual lhes faltava uma prática efectiva capaz de os

habilitar a usá-la com à vontade. Assim, todos os indicadores de tendência pareciam convergir para uma desafeição em relação a essa cultura que de cada vez lhes aparecia mais remota. Tal não se verificou, todavia. Regista-se actualmente um movimento de regresso à cultura portuguesa por parte dos jovens, o qual não se manifesta por uma prática acrescentada da língua, mas por um apreço por todo o conjunto cultural luso e por uma participação activa nas manifestações dessa cultura que estão ao seu alcance. A prová-lo existe o facto recente do desaparecimento em tempo record de todos os bilhetes adquiridos pelos operadores turísticos franceses para a EXPO'98, sendo sabido que tal se deve prioritariamente a esta população. Outra manifestação a registar é o próximo encontro em Portugal, em Julho deste ano (**Rencontre Européenne de Jeunes Lusodescendants**), subordinado ao tema: "**La double appartenance culturelle**" e cujo slogan é: "**Si tu diffères de moi, loin de me léser tu m'enrichis**".

Considerado gente de aventuras, de viagens e de diásporas, foi precisamente através da sua dispersão pelo mundo que o povo português conseguiu impor-se nos momentos mais altos da sua História. É mesmo visto por outras sociedades como passadista, no sentido em que vive voltado para trás, para esse passado. O facto de ter escolhido os oceanos para tema da EXPO'98 tem sido interpretado como o eterno retorno à única temática que reúne consensos e mobiliza esforços. Corresponderá essa hetero-imagem a uma realidade? Ou esse apego reflectirá, mais do que um saudosismo insensato pela sua inércia, uma vontade de continuar a ligar-se a outros povos, a abrir-se a interacções que toquem a alteridade, movimento esse simbolizado pelo mar, via de comunicação que o rodeia, do qual vive e com o qual convive? Ainda hoje é pelo oceano, ou sobre o oceano, pelo ar, talvez tanto como por terra, que os Portugueses partem e chegam. As fainas marítimas continuam a constituir o labor quotidiano para muitos deles. Actualmente situam-se também ao nível do mar muitas preocupações das autoridades portuguesas no domínio do ambiente e da ecologia, assim como movimentações junto de outros países no sentido da preservação da hegemonia em termos de recursos marinhos. Daqui poderá inferir-se e compreender-se até que ponto esta comunhão sem recurso resulta mais de uma necessidade e de uma ligação quotidiana do que de um sonho longínquo de grandezas passadas, embora a perda de riquezas e de poderes de outros tempos possa suscitar naturalmente um olhar retrospectivo de admiração e porventura de uma certa nostalgia. Isso não implica, todavia, que o processo de evolução actual da população lusa ou luso-descendente se centre nesse outrora, seja estático; pelo contrário, ele é vivido de forma dinâmica, tanto pelos que residem em permanência no exíguo território a que ficou confinado definitivamente o país, como pelos

que fizeram de outras terras seu cenário quase permanente de labuta e de vivências.

272

ANEXO Nº 1
PORTUGUESES ENTRADOS EM FRANÇA

Anos	Nº de Pessoas
1957	4.640
1958	6.264
1959	4.833
1960	6.434

Fonte: I.N.S.E.E..

ANEXO Nº 2
DIÁSPORA PORTUGUESA

Países	Nº de Portugueses aí Residentes
Brasil	1.200.000
França	800.000
África do Sul	600.000
U. S. A.	283.000
Venezuela	162.000
Alemanha	79.000
Espanha	70.000
Suíça	65.000
Inglaterra	40.000
Luxemburgo	40.000
TOTAL	3.339.000

Fonte: Cabinet des Migrations Internationales.

L
90

ANEXO Nº 3
PORTUGUESES RESIDENTES NO ESTRANGEIRO
1995/96

	Nº	%
EUROPA		
U. E.	1.199.973	25,87%
OUTROS	167.782	3,62%
TOTAL	1.367.755	29,49%
AMÉRICA		
DO NORTE	1.015.300	21,89%
CENTRAL	6.523	0,14%
DO SUL	1617.837	34,88%
TOTAL	2.639.660	56,91%
ÁFRICA		
MAGREBE	1.036	0,02%
PALOP	33.314	0,72%
OUTROS	506.275	10,91%
TOTAL	540.625	11,65%
ÁSIA		
PRÓXIMO E MÉDIO ORIENTE	913	0,02%
OUTROS	34.158	0,74%
TOTAL	35.071	0,76%
OCEANIA		
TOTAL	55.459	1,20%
TOTAL GERAL	4.638.570	100,00%

Fonte: Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas. Dados obtidos segundo informações transmitidas pelas Embaixadas e Consulados de Portugal, tendo por base as estatísticas dos países de acolhimento e as inscrições consulares.

BIBLIOGRAFIA

CABRAL, A. *A comunicação intercultural nos imigrantes portugueses em França e seus descendentes*, Tese de doutoramento. Universidade de Santiago de Compostela: CD-ROM ISBN 84.8121. 573.2., 1997, 623 pp..

CABRAL, A. "Du concept d'étranger à celui d'immigré-Le cas français", *Antropológicas*, (1998).

FERREIRA de CASTRO. *Emigrantes*. 16 ed. Lisboa: Guimarães e C³ Editores, 1976.

LAURENT, C. "Les Portugais", *Esprit*, n. 334, (1966).

274 LOURENÇO, E. *O labirinto da saudade*. 5 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

ROCHA-TRINDADE, M. B.. "Sensibilização comunitária numa óptica de interculturalismo em meio de forte emigração", *Instituto da Defesa Nacional*, (1983).

ROCHA-TRINDADE, M. B.. "Minorias-Polissemia do conceito e diversidade de manifestações", *Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal-Séculos XIX e XX*, (1993): pp. 422-433.

SARAGA, L. "Évolution de l'émigration portugaise", *Hommes et Migrations*, (1978).

SERRÃO, J. "L'envers de l'Empire" *Le Monde*, (1979: 7-8 Outubro).